
**Jornalismo Literário, discurso possível:
questionamentos da prática jornalística na produção de Eliane Brum⁸¹**

**Literary Journalism, a possible speech:
Eliane Brum's work as a questioning of current journalistic *praxis***

Macauley DOMINGUEZ⁸²
Beatriz PACHECO⁸³

RESUMO

O Jornalismo Literário por muitas vezes é enxergado como um capricho estilístico ao invés de uma possibilidade discursiva. O gênero, no entanto, põe em xeque condições entendidas como intrínsecas ao jornalismo tradicional. Dessa forma, este trabalho busca fortalecer as discussões acerca do Jornalismo Literário, levantando suas questões e apontando suas características práticas e teóricas a partir da análise de uma produção jornalística contemporânea. A reportagem *A floresta das parteiras*, publicada na revista *Época* pela premiada jornalista Eliane Brum será abordada como um dos exemplos existentes na imprensa brasileira de manifestações jornalístico-literárias e seus questionamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Jornalismo; Literatura; Eliane Brum.

ABSTRACT

Literary Journalism is often seen as a stylistic whim than a discursive possibility that criticize intrinsic conditions under traditional journalism. Therefore, this paper seeks a contribution to the discussions about Literary Journalism, bringing up its questions and practical/theoretical qualities through a analysis of a contemporary journalistic production. The work to be put eyes on is the story *A floresta das parteiras*, published by *Época* magazine by the award winning journalist Eliane Brum. This story will be viewed as a recent example of a literary-journalistic manifestation and its issues in Brazilian press.

KEYWORDS: Literary Journalism; journalism; literature; Eliane Brum.

1. INTRODUÇÃO

⁸¹ Trabalho derivado da monografia apresentado pelo autor 1 como pré-requisito para a conclusão do curso de Jornalismo em dezembro de 2018.

⁸² Recém-graduado em jornalismo pelo Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), e-mail: mac.dominguez@gmail.com

⁸³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de jornalismo do Centro Universitário de Barra Mansa (UBM).

Considerado como mera “excentricidade” ou formato alternativo das práticas tradicionais do jornalismo (BORGES, 2013), o Jornalismo Literário é fruto de experimentações de ordem prática ocorridos ao longo da história da imprensa. A partir de premissas do jornalismo, alinhadas com procedimentos narrativos da literatura, o gênero busca expandir as possibilidades do texto jornalístico (PENA, 2007). Dispensando padronizações e manuais de redação, alguns profissionais buscaram da liberdade discursiva do gênero literário (BULHÕES, 2007), artifícios que possibilitaram produções de fôlego e duradouras.

Apesar das experiências de sintonia entre jornal e letras no século XIX – período dos folhetins e literatos buscando a profissionalização através das redações (COSTA, 2005) – o momento mais emblemático dessa convergência ousada foi na década de 1960. Enquanto o apego à objetividade, caracterizado pelos textos curtos, diretos e centralizados na estrutura do *lead*, era o padrão de qualidade na maioria dos jornais norte-americanos, repórteres como Tom Wolfe e Gay Talese, fortemente influenciados pela literatura naturalista, resolvem lançar mão de procedimentos caros a literatura em seus trabalhos.

Apelidado de “Novo Jornalismo”, os relatos traziam pontos de vista diversos, onomatopeias e composições em cena (WOLFE, 2005). O detalhamento das características físicas e emocionais dos personagens atribuía riqueza a narrativa, por costume, desbotada e inexpressiva dos jornais.

No Brasil, o gênero também demonstra um histórico consistente que remonta ao final do século XIX. Considerado um dos primeiros trabalhos de convergência entre jornalismo e literatura, o livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha congrega uma minuciosa apuração jornalística do conflito de Canudos ao aprofundamento narrativo característico do romance literário. A produção jornalística de Paulo Barreto, conhecido pelo pseudônimo João do Rio (COSTA, 2005) também apontam uma convergência entre jornalismo e literatura. As crônicas de fôlego publicadas no periódico *A cidade do Rio* reuniam métodos jornalísticos como entrevistas e descrições *in loco*, aliados a um estilo narrativo inconfundível. Seu trabalho constitui um retrato consistente das mudanças de caráter social, econômico e cultural ocorridos na antiga capital nos idos de 1900.

Influenciada pela corrente do *new journalism* de Wolf e Talese a revista *Realidade* (1966 até 1976) foi o principal veículo a publicar reportagens jornalístico-literárias no Brasil. Dentre o elenco primoroso de repórteres que passaram pelo periódico durante seus 10 anos de existência, o jornalista José Hamilton Ribeiro se destaca com seus relatos vigorosos que figuram como verdadeiras joias da imprensa brasileira.

Ainda que normalmente observado como abordagem ou prática jornalística específica de movimentos como o *new journalism* e profissionais que almejam a inserção no mercado editorial (PENA, 2017), o Jornalismo Literário vêm ocupando espaço em discussões que o qualificam como gênero discursivo autônomo (BORGES, 2013). Atribuindo-se das proposições teóricas da Análise do Discurso francesa, Rogério Borges (2013) situa o surgimento do Jornalismo Literário a partir das dinâmicas das formações discursivas teorizadas principalmente por Michel Foucault. Esse conceito implica um processo de construção dos discursos a partir das interações de discursos geradores. Ainda que representem gêneros discursivos com contratos de leitura distintos, jornalismo e literatura compartilham entrelaces desde sua origem que possibilitaram o surgimento do Jornalismo Literário. Este, portanto, carrega em graus maiores ou menores heranças de ambos os discursos geradores, ao mesmo tempo que se distingue através de manifestações próprias, como será visto adiante.

Criticado por teóricos e profissionais sob o pretexto de provocar “influências exacerbadas da literatura e de seu espírito criativo sobre o discurso da informação” (BORGES, 2013, p. 178) – o que prejudicaria o estatuto de veracidade do jornalismo – o Jornalismo Literário pretende, além de causar rupturas e inovações, questionar a neutralidade e a objetividade tão caras ao discurso jornalístico.

Assim, este trabalho pretende somar aos estudos sobre o Jornalismo Literário através da análise da produção de uma das profissionais mais profícuas no cenário atual. A análise em questão aborda a presença de elementos que caracterizam o Jornalismo Literário no trabalho jornalístico de Eliane Brum, colunista do *El País*, autora de três livros de reportagem, um de crônicas, dois romances e ganhadora de inúmeros prêmios, dentre eles o Vladimir Herzog e o Jabuti. Portanto, esse texto busca evocar as discussões relacionadas ao Jornalismo Literário, pensando-o como uma possibilidade discursiva na comunicação e localizar características do

gênero em produções da contemporaneidade, contribuindo para o amadurecimento de seu patrimônio conceitual.

Considero relevante ressaltar a recorrente presença das produções jornalísticas de Eliane Brum em artigos e estudos acadêmicos. Isso se dá pelo grande reconhecimento – através de premiações – do trabalho da autora e, principalmente, a qualidade e relevância de suas produções. Por configurar um trabalho que claramente se distingue da produção jornalística tradicional, os textos de Eliane oferecem uma vasta possibilidade de discussões acerca da prática jornalística, o que chama a atenção de pesquisadores experientes e recém graduados.

O texto escolhido para análise foi a reportagem *A floresta das parteiras* publicada por Eliane Brum no ano 2000 na revista *Época* e republicada na coletânea *O olho da rua: uma repórter em busca da vida real*. Destaque dentre o vasto repertório da autora, *A floresta das parteiras* foi escolhido por conta de sua relevância e pela proximidade imediata entre o assunto e um importante ponto de discussão do Jornalismo Literário. A reportagem evoca um dos principais atributos do gênero – exposto mais adiante – a capacidade de questionar significações totalizantes e promover novos pontos de vista acerca de assuntos considerados “superados” pela imprensa tradicional. Ao esmiuçar e apresentar o trabalho de parteiras indígenas e quilombolas no interior do Amapá, a autora ajuda a romper com vícios e preconceitos acerca desses grupos através de um comum, o nascimento.

2. JORNALISMO LITERÁRIO: ALÉM DA REPORTAGEM BEM ESCRITA

A literatura normalmente é relacionada ao jornalismo como um referencial de escrita mais sofisticada e complexa. No entanto, o Jornalismo Literário não pretende embelezar os *leads* e editoriais. De acordo com Felipe Pena (2017), o gênero pretende a potencialização das práticas características do jornalismo – apuração, compromisso ético, clareza, etc. – ou seja, levar ao limite as possibilidades para a produção de uma boa reportagem (PENA, 2017).

No entanto, o Jornalismo Literário reúne um acervo próprio de procedimentos e posturas derivadas da apropriação de artifícios literários por jornalistas insatisfeitos com o apego à objetividade nas redações.

Uma das principais práticas, responsável por distingui-lo com dissonância do formato padrão das matérias jornalísticas, é a construção narrativa das reportagens. Propondo a composição em cenas, o texto busca uma aproximação simbólica mais contundente entre leitor e situação (LIMA, 2014). Indicando no corpo da matéria informações que ambientam o texto – como expressões e traços físicos dos personagens e do espaço que os cercam – a construção em cena busca possibilitar uma visualização, por parte do leitor, do assunto que é abordado. De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2014), a produção jornalístico-literária apela para os cinco sentidos e busca oferecer mais do que um resumo do que aconteceu, mas sim “colocar o leitor *dentro*⁸⁴ do acontecimento” (LIMA, 2014).

A apuração *in loco* (PENA, 2017), apesar de aparentemente óbvia para qualquer trabalho jornalístico, constitui uma das práticas características do Jornalismo Literário. Contrariando o expediente de telefones e entrevistas remotas, comuns atualmente nas redações por agilizarem a apuração – principal demanda do jornalismo contemporâneo – essa prática aproxima o repórter de seu personagem, viabilizando um relato mais humanizado. Saber o que aquela pessoa falou, como falou, que gestos usou para preencher os silêncios – elementos fundamentais da escuta da repórter – são rebeldias que, segundo Eliane, devem reocupar as redações, eliminando a redundância da “reportagem externa” (BRUM, 2006).

Outro procedimento, no entanto, levaria a prática jornalístico-literária a um caminho diferente dos textos autobiográficos e memorialistas – ambos de não-ficção. Rompendo com a imparcialidade asséptica do jornalismo convencional, o Jornalismo Literário não só propõe a presença do ponto de vista do repórter – utilizado por alguns jornalistas – mas uma narrativa que perpassa também os personagens. Entendido como “ponto de vista da terceira pessoa” (WOLFE, 2005, p. 54), o recurso constrói a cena através dos olhares particulares das fontes, abordando pensamentos e elementos emotivos que compõem a pluralidade das informações sobre o assunto abordado.

Como se falar sobre o que os outros pensam ainda fosse pouco, o *status de vida* proposto por Tom Wolfe (2005), explora a descrição de detalhes e símbolos como hábitos, manias, objetos pessoais, estilo de se vestir, de andar, forma de se comportar com a família,

⁸⁴ Grifo do autor.

amigos, desconhecidos, ousa um aprofundamento das fontes, utilizando com informação os símbolos expressos por ela. Assim, Wolfe (2005) transfere elementos do realismo de autores como Balzac, Gogol e Dickens, com a finalidade de trazer, a partir do jornalismo e não da literatura, um entendimento e uma maior proximidade com a realidade e os fenômenos sociais e culturais.

Além de um novo jornalismo, o Jornalismo Literário propõe um “novo jornalista” capaz, como pontua Mônica Martinez (2017), de “apresentar seu modo de ver e relatar o mundo” (MARTÍNEZ, 2017, p. 28). Este novo profissional, fluente de técnicas jornalísticas, literárias e aberto a outros campos do conhecimento, atua de maneira sensível ao indivíduo e a pluralidade do mundo (MARTÍNEZ, 2017).

No entanto, não se pode atribuir à abordagem jornalístico-literária a captação da totalidade de um assunto abordado. Por mais que potencialize os procedimentos jornalísticos na concepção de um relato plural e aprofundado, o Jornalismo Literário, assim como qualquer outra prática discursiva, é incapaz de abarcar e acolher a realidade completamente. De acordo com Pena (2017):

Qualquer abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, uma interpretação, por mais completa que seja. A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. [...] Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos [...] e, novamente localizá-las em um espaço temporal de longa duração (PENA, 2017, p. 14).

Ao buscar a contextualização ao mesmo tempo que se revela como um recorte, o gênero se distancia de práticas tradicionais que totalizam e reduzem a realidade a um sumário resumido no “quê”, “quando”, “quem”, “como” e “onde”. O Jornalismo Literário vem, nas palavras de Vilas-Boas (2007), mostrar que “esse jornalismo urgente, opinático [...] não é o único que existe” (VILAS-BOAS, 2007, p. 9), ao mesmo tempo que não se propõe a substituí-lo. Não se trata aqui de sobreposições genéricas baseadas em uma espécie de

darwinismo discursivo – como propôs Brunetière⁸⁵ sobre a literatura (BULHÕES, 2007). Trata-se, sim, de uma possibilidade de questionar o jornalismo como discurso acabado, restrito, praticado para uma única e exclusiva finalidade: buscar a verdade objetiva. Portanto, além de colocar em xeque preceitos inflexíveis, o Jornalismo Literário pretende:

[...] fazer do jornalismo um discurso mais agradável de ler, incluindo o narrador no palco da ação e descronologizando a apresentação do acontecimento, é uma iniciativa que demanda talento, formação, tempo e pode combater no texto informativo a fragmentação e a descontextualização” (BORGES, 2013, p. 253).

3. ELIANE BRUM, A ESCUTADEIRA

Eliane Brum (Ijuí, RS, 1966) ancora na escuta e no olhar as suas principais ferramentas de apuração jornalística. Esvazia-se no momento da reportagem, permitindo que as histórias das pessoas a preencha. Deixa de lado certezas, preconceitos, verdades e superstições para se entregar a realidade do outro (BRUM, 2010). Entendendo a reportagem “como documento da história cotidiana” (BRUM, 2017, p. 14), Eliane amplia as possibilidades do jornalismo ao não se limitar a ser uma aplicadora de “aspas em série” (BRUM, 2010). A repórter considera a pluralidade da realidade, buscando transportar para a matéria jornalística texturas e sensações sempre no objetivo de convidar o leitor a despir-se de suas certezas e desacomodá-lo (BRUM, 2010). Eliane conta dessa postura na apresentação de seu terceiro livro, *O olho da rua: uma repórter em busca da vida real* (2017):

Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história em movimento. Por isso, exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a convicção de que a realidade é um tecido intrincado, costurado não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores, gestos. Marcas. Também com faltas, excessos, nuances e silêncios. Ruínas. Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas (BRUM, 2017, p. 14)

⁸⁵ O teórico Ferdinand Brunetière apontava os gêneros em seus estudos como organismos vivos fadados a uma constante sobreposição de forças onde sobreviveria o mais forte (BULHÕES, 2007).

O texto analisado é fruto de seu trabalho na revista *Época*, onde contribuiu por 10 anos com reportagens especiais, reeditado na coletânea *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2017). A reportagem “A floresta das parteiras” foi publicada no ano 2000 e aborda a vida de parteiras que atuam em comunidades indígenas e quilombolas do Amapá.

Exemplo de um estilo de escrita autêntico e pessoal que caracteriza Eliane, o texto apresenta posturas e características diversas relacionadas ao Jornalismo Literário. Dentre elas, a apuração *in loco* (PENA, 2017), a composição do *status* de vida dos personagens (WOLFE, 2005), a construção da narrativa em cenas (LIMA, 2014), o uso de diálogos (LIMA, 2014), entre outras. Mas principalmente, Eliane se aproxima de manifestações jornalístico-literárias quando potencializa as práticas jornalísticas ampliando e aprofundando assuntos supostamente superados pelo jornalismo tradicional.

3.1. A floresta das parteiras

A reportagem é como um parto (BRUM, 2010), mas o parto em si, é como o que? Nascer é preencher documentos para provar que veio ao mundo? É chorar pelas mãos do obstetra? É banhar-se da luz fluorescente da incubadora? Todos entram no mundo pela mesma porta, no entanto, as mãos que nos recebem não são as mesmas. Na reportagem que abre o seu terceiro livro, Eliane vai ao Amapá buscar entender os mistérios desse momento da vida que, mesmo com toda a tecnologia dos hospitais, ainda nos afeta de maneiras incompreensíveis.

É pelo contato com as parteiras da Amazônia – nascidas com o dom de “pegar menino” (BRUM, 2017, p.20) – que Eliane apresenta um outro entendimento do nascimento. Logo no início da reportagem, a repórter ambienta um rompimento com os saberes da cidade, propondo ao leitor a suspensão das próprias convicções e uma abertura ao ponto de vista que será abordado. Conforme narra Eliane Brum (2017):

O grito atávico, feminino, ecoa do território empoleirado no cocoruto do mapa para lembrar ao país que nascer é natural. Não depende de engenharia genética ou operação cirúrgica, não tem cheiro de hospital. Para as parteiras da floresta, que guardaram a tradição graças ao isolamento geográfico de seu berço, é mais fácil compreender que um boto irrompa do igarapé para

fecundar moça donzela do que aceitar que uma mulher marque dia e hora para arrancar o filho à força (BRUM, 2017, p. 19).

“Parto é mistério de mulher. Feito por mulher, entre mulheres” (BRUM, 2017, p.27). A perspectiva do parto mostrada desconsidera médicos, dispositivos e procedimentos hospitalares. Entendido como momento de festejo e alegria pelas parteiras, o nascimento é incompatível com o aspecto de morte dos hospitais (BRUM, 2017). Detentoras de um conhecimento só delas, como dom, as parteiras do Amapá cruzam rios e matas para “consumar o milagre” (BRUM, 2017, p. 24) de mulheres indígenas e quilombolas.

Em uma das conversas com Jovelina, a parteira com “mais rugas no rosto do que a noite tem estrelas” (BRUM, 2017, p. 24), Eliane deduz, a partir da observação, traços da personalidade de Jovita. O sorriso capaz de “desprender um pedaço do mundo” de tão intenso peleja com a pobreza. Jovelina tem, no entanto, a alegria projetada nos “filhos de umbigo” (BRUM, 2017, p. 27), nascidos pelas suas mãos. É o que a repórter demonstra quando a parteira exhibe as crianças com um orgulho de mãe.

A composição das personagens na reportagem, atende a características do Jornalismo Literário. Posturas e traços que vão além da descrição física, atribuem aos personagens complexidade e capacidade narrativa, uma vez que as informações contidas não são enumeradas (BORGES, 2013) – como ocorre no jornalismo convencional – e, sim, passam pelas ações e falas das parteiras entrevistadas.

Em um momento, Jovita conta de seu primeiro parto:

O primeiro foi com Isabel, mulher do compadre Sevério, que tava lá pra Volta das Cobras. Deixa, compadre, disse mamãe, que a Isabel fica com nós. De noite Isabel teve a febre, sentiu tremor de frio, não falou um ai. De manhã mamãe foi pra roça, fiquei eu mais Isabel. Jovita, Jovita, bota água prum banho. (Interrompe, em outro tom, para explicar que Jovita era ela mesma.) Tá aqui, Isabel, disse eu. Sabe que de madrugada me deu um grande tremor de frio?, disse ela. Foi, Isabel?, disse eu. Foi, Jovita. Tava penteando o cabelo quando se deu o despejo. Jovita, minha mana, me acode. A Isabel entrou pra debaixo do mosquito, e eu peguei o menino. Tava frio, tava morto. Quando mamãe chegou, perguntou: que tal, Jovita? Tá Bom, mamãe. Aí, ela disse: Bem, minha filha, a partir de agora você vai no meu lugar. E eu fui (BRUM, 2017, p. 25).

O caso contado pela parteira – que de tão interessante até ingresso caberia pagar (BRUM, 2017) – é uma aposta de Eliane ao uso de diálogos para compor a cena, alternando dessa forma os pontos de vista, conforme Wolfe (2005) explica. A utilização causa uma aproximação do leitor à cena descrita, como se fosse um dos que rodeiam a parteira – como Eliane descreve no texto. Ainda, as palavras utilizadas e expressividade são preservadas, mantendo-se fiel aos acontecimentos. De acordo com Eliane (2010): “as palavras que as pessoas escolhem são muito importantes, não tem sinônimos que eu posso usar” (BRUM, 2010).

Além dos aspectos místicos, as entidades e espíritos que atuam junto com essas mulheres na hora do parto, as rezas e segredos que elas guardam, a reportagem busca evidenciar a riqueza com que as parteiras se expressam. Apesar da potencialidade de aspectos visuais da floresta amazônica, é a poesia que emerge de “suas vaginas como literatura da vida real” (BRUM, 2017, p. 36), por parto normal, o que dá textura a reportagem, aguça o ouvido do leitor e o convida para dentro do texto (LIMA, 2014). Quando a parteira Rossilda despede-se declamando “Tenho mão limpa e coração puro. Sou parteira, trago criança ao mundo” (2017, p. 29), Alexandrina diz que “mulher e floresta são uma coisa só” ou Cecília compara os remendos da roupa com os da vida, não são só informações disposta com o objetivo de informar, mas sim uma possibilidade de o leitor enxergar o mundo através da boca do outro.

A alteridade (MARTÍNEZ, 2017) é uma característica presente nos textos de Eliane Brum. Ao propor mais do que um resumo de informações que noticiam algo, a repórter constrói narrativas que possibilitam uma reinterpretação de assuntos e questões subentendidas de nossas vidas como, nesse caso, o nascimento. Como se os próprios personagens contassem aquela história (BRUM, 2017), Eliane convoca o leitor a, assim como ela, esvaziar-se e preencher-se com a vida daquelas pessoas. A reportagem acha o seu final, porém, a partir de uma conclusão dotada de uma potencialidade reflexiva, trazendo a um elemento comum tanto para quem lê quanto para as mulheres da floresta – o dia e anoite – a relação com os saberes confrontados durante a reportagem. De acordo com Eliane (2017):

As mãos da vida se agarram, os pés do caminho se unem em círculo no útero da floresta. As parteiras agradecem à divindade ao amanhecer. Como todas

as criaturas do mundo, o dia surge em hora precisa sem que nada ou ninguém tenha de arrancá-lo do ventre da noite. Dia e criança seguindo a mesma lei, contendo ambos igual semente. Partes complementares de um só universo (BRUM, 2017, p. 32)

Reunidas, as parteiras evocando a natureza, a experiente Dorica faz de suas palavras as das outras mulheres: “é o tempo que faz o homem, e não o homem que faz o tempo. Parto é mistério. E menino, a gente nunca arranca. Só recebe” (BRUM, 2017, p. 32). E seria o tempo, essa nênese da prática jornalística, que impediria a repórter de acompanhar um parto realizado por Dorica, parteira mais antiga do Amapá (BRUM, 2017). Ironicamente, a matéria acabou fruto de uma cesariana (BRUM, 2017). Entendendo que até a reportagem tem a sua hora, Eliane vê o resultado como um filho bonito, apesar de apressado, principalmente pelo respeito que manteve à narrativa de suas personagens, preservando o principal atributo do repórter, a capacidade de ouvir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho da repórter “em busca da literatura da vida real” (BRUM, 2017), Eliane Brum, reúne posturas e elementos que atestam possibilidades na produção jornalística que vão além do “tom bege pálido” (WOLFE, 2005, p. 32) e impessoal das notas e editoriais. Ao ousar a travessia pela “larga e sempre arriscada rua de si mesmo” (BRUM, 2017, p. 14), Eliane rompe, com reportagens emocionantes e intensas, o sólido paradigma dos preceitos e rotinas jornalísticas, mostrando que a produção de um bom conteúdo está a um olhar e uma escuta de distância.

Ao longo da análise de *A floresta das parteiras*, além de um relato emocionante que nos convida a despir nossas certezas ao olhar para o mundo e visibiliza o “outro”, sempre oculto sob nossos vícios e preconceitos, nos deparamos com características narrativas e procedimentos que fogem do itinerário profissional do jornalista. A apuração *in loco* (PENA, 2017) – o que determina um relato jornalístico para a autora – a composição do *status* de vida dos personagens (WOLFE, 2005), construção da narrativa em cenas (LIMA, 2014), o uso de diálogos (LIMA, 2014), além de constituírem no texto artifícios que potencializam e

aprofundam a reportagem, são alguns dos procedimentos que compõem o vasto arcabouço teórico-prático do Jornalismo Literário.

Ao correr dos definidores primários (PENA, 2017) – os especialistas das aspas – e decidir dar voz aos anônimos e invisíveis de nossa sociedade, Eliane foi capaz de multiplicar as percepções sobre assuntos aparentemente superados pelo jornalismo. O elemento humano, tão em falta no conteúdo jornalístico há um tempo, toma de assalto o leitor, abala suas certezas e o convida a reagir, a interpretar, fazendo-o insurgir-se contra a passividade do receptor no processo comunicativo.

Com suas produções repletas do extraordinário da vida comum, Eliane foi capaz de desbancar o estatuto mais precioso do jornalismo, a objetividade. A reportagem, dessa forma, despe-se do predicado de enunciadora da verdade, para se transformar em multiplicadora de verdades. Partindo da visão de uma realidade complexa e múltipla, Eliane entende como função do jornalismo oferecer abordagens plurais e nunca definidoras e totalizadoras sobre os assuntos, estreitando assim seus laços com preceitos basilares do Jornalismo Literário. Essa aproximação demonstra que as possibilidades existem e, ainda que não configure a panaceia para a crise que o jornalismo impresso enfrenta neste começo de século, o Jornalismo Literário certamente propõe caminhos, fazendo o que a imprensa e a literatura fazem de melhor, instigar.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário: análise do discurso**. Florianópolis: Insular, 2013.
- BRUM, Eliane. **Jogo de Ideias**, Paraty: Itáu Cultural, out., 2010. Televisão, Entrevista a Claudiney Ferreira. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=rln0WqI6tI8>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

MARTÍNEZ, Mônica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas, **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez., 2017.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Apresentações**. In: VILAS-BOAS, Sérgio (Org.). **Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Trad. José Rubens Siqueira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.